

ESCOLA PARQUE: A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA ORGÂNICA NO DESENVOLVIMENTO ESTUDANTIL

ANTONELLI, Thaís Alessandra.¹

ANJOS, Marcelo França.²

RESUMO

A presente pesquisa está vinculada ao Trabalho do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz. Sendo de autoria da acadêmica Thaís Alessandra Antonelli e orientado pelo Prof. Arq. Me. Marcelo França dos Anjos, na linha de pesquisa “Projetos de Arquitetura do Contexto Urbano”. O trabalho consiste em uma análise teórica, com o título: “Escola Parque: a contribuição da arquitetura orgânica no desenvolvimento estudantil”. Desta forma, partindo da reflexão acerca da arquitetura escolar presenciada atualmente, assim como a precariedade encontrada no sistema escolar no Brasil, o presente trabalho buscar apresentar uma revisão bibliográfica com foco na contribuição da arquitetura orgânica no desenvolvimento estudantil. Para que isso seja possível, parte-se do pressuposto de algumas conceituações encontrada nas histórias da arquitetura, como por exemplo, resgatar aspectos da arquitetura orgânica, como, a relação entre edificação e meio a qual está inserida, a utilização de materiais, a conexão entre natureza e construção e principalmente conceitos humanísticos, que pensa a edificação voltada ao usuário do espaço. Com isto, interliga-se tais características ao ambiente escolar, e como forma de entender a problemática do assunto, cria-se a relação entre a arquitetura, psicologia e a educação. Auxiliando assim, na formação de soluções arquitetônicas e elaboração de uma conceituação de Escola Parque, para a criação de espaços escolares, procurando confirmações de como o aluno, o professor e demais funcionários, se relacionam com a edificação.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Escolar, Escola, Parque, Psicologia, Educação.

1. INTRODUÇÃO

O assunto geral do trabalho, busca apresentar a contribuição da arquitetura orgânica no desenvolvimento estudantil, servindo como base para a pesquisas e discussões futuras.

No âmbito sociocultural, defende a necessidade da compreensão do espaço arquitetônico escolar, como contribuição ao desenvolvimento estudantil, procurando destacar como o comportamento humano está diretamente ligado ao ambiente que o envolve. Assim, o assunto da pesquisa justifica-se como forma de apresentar elementos arquitetônicos que contribuam, no espaço escolar, para uma sociedade mais justa e humana, visto sua relevância na preparação do indivíduo para a vida adulta.

No que diz respeito a linha acadêmico-científica, a presente pesquisa explica-se como forma de propiciar, a outros estudantes de arquitetura, bem como interessados da área, a discussão acerca

¹Acadêmico (a) do 9º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: thaissalessandraantonelli@gmail.com

²Professor orientador da presente pesquisa. Mestre em metodologia do projeto pela UEL; graduado em Arquitetura pela USP. Docente de graduação do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: anjos@fag.edu.br

da arquitetura orgânica aplicada na edificação escolar, agindo também, como vetor dos conhecimentos debatidos. Ainda, posteriormente, servindo como referência a outros trabalhos acadêmicos.

Já do ponto de vista profissional, fundamenta-se pela carência de aprofundamento a respeito da arquitetura educacional, a qual muitas vezes é ignorada na etapa de projeto de escolas em geral, como exemplo na utilização de plantas tipo. Assim, a proposta serve como forma de proporcionar conhecimento de certos aspectos técnicos incorporados à espaços escolares, que muito tem a crescer no progresso profissional.

Assim, partindo da proposta, Escola Parque e embasados nos conceitos da arquitetura orgânica, o grande questionamento do trabalho procura entender, como o ambiente construído pode influenciar na melhoria da produtividade e desempenho escolar?

Com isto, têm-se como hipótese, que mais do que necessário, o aprofundamento no âmbito da arquitetura escolar é imprescindível para a elaboração de um bom projeto, sendo que, os espaços arquitetônicos estão diretamente ligados à produtividade humana.

O objetivo geral consiste em elaborar uma conceituação para Escola Parque, de forma a expor soluções arquitetônicas organicistas na criação de espaços escolares, procurando confirmações de como o aluno, o professor e demais funcionários, se relacionam com o ambiente construído. Tendo como objetivos específicos: Elencar as dificuldades encontradas na arquitetura escolar brasileira; conceituar Escola Parque na história; apresentar os conceitos/técnicas utilizadas pelo arquiteto Frank Lloyd Wright de forma a definir arquitetura orgânica; relacionar arquitetura, pedagogia e psicologia e apontar como o espaço arquitetônico contribui no comportamento e desempenho humano, com ênfase no espaço escolar.

Isto posto, considera-se como marco teórico a arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright, elegendo a seguinte citação a respeito de uma de suas obras:

Da mesma maneira, uma obra de arquitetura gera um todo indivisível de impressões. O encontro ao vivo com a casa da cascata de Frank Lloyd Wright, fundo em uma experiência totalizante e única, a floresta do entorno com os volumes, as superfícies, as texturas e as cores da casa, e até mesmo os aromas da floresta e os sons do rio. Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma coletânea de imagens visuais isolada, e sim em sua presença material e espiritual totalmente corporificada. Uma obra de arquitetura incorpora e infunde estruturas tanto físicas quanto mentais. A frontalidade visual de um desenho de arquitetura desaparece na experiência real da edificação [...] (PALLASMAA, 2011. p.42).

Através desta citação, percebe-se os sentimentos e sensações que uma edificação pode transpassar ao espectador, neste caso a arquitetura orgânica com sua continuidade e junção da paisagem ao edifício transforma a Casa da Cascata em uma edificação única, a qual, não somente a arquitetura tem valor e sim a paisagem final, obra e natureza, é quem responde pelo conjunto.

Sendo assim, no seguinte capítulo, fundamentação teórica apresenta-se a base teórica para a elaboração das análises e discussões.

Já no terceiro capítulo, metodologia, ao qual objetiva-se à explicação dos métodos de pesquisas utilizados na pesquisa em questão.

No quarto, apresenta-se as análises e discussões, ao qual procede-se as principais características alcançadas para a construção do conceito Escola Parque, de forma a responder a problemática da pesquisa

Já no quinto conclui-se com as considerações finais resgatando alguns elementos de pesquisa e resposta de determinados assuntos aplicados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como forma de apresentar as revisões bibliográficas realizadas ao decorrer do processo de pesquisa, assim como fundamentar e conceituar, Escola Parque e retratar a contribuição da arquitetura orgânica no desenvolvimento estudantil, o presente capítulo é composto em um primeiro momento pela abordagem da arquitetura escolar, seguido das relações entre arquitetura, psicologia e educação de forma a evidenciar a contribuição da arquitetura composta de conceitos organicistas no desenvolvimento estudantil.

2.1. ARQUITETURA ESCOLAR

Tendo repetidamente sua capacidade e particularidades questionadas, possui como fundamentação destas discussões, algumas análises realizadas com base na performance de estudantes da rede pública de ensino. As quais comprovam a real imprescindibilidade acerca do assunto, devendo ser tratada com excelência, enfatizando a sua relevância no plano social para o preparo de futuros cidadãos, os quais deverão compor uma sociedade mais digna e humanitária. Porém, no momento, verifica-se um crescente descaso no que diz respeito ao setor educacional, sem

qualquer previsão ou proposta para o aprimoramento da qualidade de ensino brasileiro (KOWALTOWSKI, 2011. p.11). Após isto, busca-se a apresentar o conceito considerado até o momento de escola parque, visto que, possui como grandes nomes Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Carneiro Leão e Lourenço Filho, os quais ainda na década 1920 lutavam por uma reconstrução educacional no Brasil, acabando por tornar a criança como centro da educação e da atividade escolar. Tinham como concepção, integrar o indivíduo à sociedade além buscar uma generalização da escola, proporcionando acesso a todos (CASTRO, 2012. p.69)

De acordo com o dicionário Aurélio (2017), pode-se definir arquitetura como a Arte de projetar e construir edifícios; Contextura; Forma e estrutura. Sendo assim, pode-se afirmar, arquitetura é uma arte, que vai além da busca por uma estética perfeita, procurando exprimir sentimentos através de uma edificação ou até mesmo pelo ambiente urbano. Dias (2005) complementa a afirmação ao descrever que, é o arquiteto responsável pela arte de projetar e organizar espaços, destinados às diversas tarefas humanas, criando obras específicas para determinados propósitos. Ainda seguindo seu raciocínio, relata algumas conceituações do arquiteto tratadista romano, Vitrúvio, ainda no século I a.C. estabeleceu que a arquitetura deveria seguir três exigências essenciais, sendo elas, *firmitas* (resistências), *utilitas* (funcionalidade), *venustas* (beleza). Por outro lado, Pallasmaa (2011. p.16), acredita que, a arquitetura está profundamente ligada à assuntos da realidade humana relacionadas ao espaço e tempo, como visto na seguinte citação:

[...] Arquitetura está profundamente envolvida com as questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte. [...] a arquitetura é nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para humanidade. Como consequência dessa interdependência entre o espaço e o tempo, a dialética do espaço externo e interno, do físico e espiritual, do material e do mental, das prioridades inconscientes e conscientes em termo de sentido e de suas funções entre ações relativas tem um papel essencial na natureza das Artes e da arquitetura. (PALLASMAA, 2011. p.16)

Ainda sobre a arquitetura, pode ser considerada, uma arte cativante, que busca a constante indagação a respeito de si mesma, seja no meio social, científico, histórico e até mesmo expressivo, vista como não exata, por refletir a exploração dos sentidos (Renzo Piano *Apud* GURGEL, 2005. p.11). No conceito de Oscar Niemeyer, grande mestre da arquitetura brasileira, está ultrapassa o mero aspecto formal, indo além do que pode ser visto, afirma que é como uma constante busca pela perpetuação do homem no universo, tentando uma harmonização do ambiente desordenado, é o que

unifica a imaginação e a fantasia das experiências humanas (UNDERWOOD, 2002. p.49). Por outro lado, a arquitetura atual acaba por se esquecer destes conceitos a respeito da sensibilidade humana em uma edificação. No discurso de Pallasma (2011. p.17), o descaso do humanismo em uma obra arquitetônica, pode ser entendida pela indiferença entre o corpo humano e seus sentimentos, uma discordância, presente hoje, no sistema sensorial. Fator este observado, devido ao isolamento interpessoal proposto pela alienação tecnológica, compreendido como uma disfunção dos sentidos.

Assim, no que diz respeito a arquitetura escolar, pode ser entendida como elemento de investigação e reflexão, existindo uma inquietação a respeito da procura por sistematização dos conceitos e de métodos de projeto, servindo como suporte para a elaboração da edificação escolar, apesar de existir uma distinção do que se é visto na reflexão teórica e o que se é aplicado na prática. (AZEVEDO, 2004).

Visto as comprovações da importância do estudo sobre a temática, no que se refere ao espaço escolar e o progresso da aprendizagem, observa-se que esta deve ser entendida como forma de valorizar e promover a evolução das diversas variáveis humanas (AZEVEDO, 2012). Desta forma, observa-se que, esta deve ser pensada não somente de forma a cumprir um determinado programa de necessidades básico, mas sim no modo como as atividades serão desempenhadas dentro do espaço arquitetônico, Colin (2000. p.41) explica que a edificação deve ser projetada para determinada finalidade de funcionamento, este por sua vez, precisa ser estudada atentamente, para desenvolver dimensionamento adequado, além do programa de necessidade que atenda às reais funções que o espaço irá abrigar, fato este que nomeia como função pragmática.

Levando em consideração que, o arquiteto, ao projetar ambientes escolares, pode definir certos conceitos relacionado à forma de ensino de determinada escola, é de extrema necessidade que o mesmo busque conhecer certas características pedagógicas relacionadas ao ambiente de ensino (KOWALTOWSKI, 2011. p.12). A arquitetura escolar, vai além dos simples aspectos funcionais que compõe uma edificação, sendo ela responsável por aprimorar os espaços de forma a criar diversas capacidades pedagógicas, as quais possuem efeito direto no desenvolvimento infantil. Azevedo (2004) vai além, ao dizer que a precariedade, ou até mesmo a falta, de parques em uma escola, priva o aluno do contato e de explorar o espaço, prejudicando seu desenvolvimento físico e sociocultural.

Com referência à sala de aula, observa-se que este é o ambiente em que os alunos passam a maior parte do tempo, aprendendo e desenvolvendo suas habilidades, é um lugar que a criatividade deve ser despertada e utilizada pelos educandos. Porém, como visto por Castro (2012. p.18), não é exatamente isso que acontece, segundo ele este é o recinto mais convencional e normal encontrado no âmbito escolar, ao qual é regida por leis de higiene, que determinam o volume e área da sala de acordo com a quantidade de alunos. Kowaltowski (2011. p.161) complementa ao afirmar que, a sala de aula padrão, regidas por carteiras enfileiradas voltadas a um quadro, só tem a desestimular os alunos, ativando um autoritarismo por parte do professor, porém acredita que este deve ser inovado, possibilitando a troca de ideias entre os alunos e utilizando de forma criativa a sala de aula para melhor aproveitamento dos estudantes.

No que tange a edificação escolar, é fato que a adaptação do edifício as reais necessidades, pode melhorar significativamente a evolução de atividades pedagógicas e psicológica, sendo definida por Castro (2012. p.13), como “influência moral e social”. Ainda seguindo sua observação é considerado um bom edifício aquele que, comportem a quantidade certa de alunos, aquele que tenha uma mobília adequada a idade dos alunos, permitindo uma correta distribuição dos mesmos, relata ainda sobre a iluminação e ventilação que devem ser observadas e melhorada (CASTRO, 2012. p.13). Um outro ponto de vista, de Kowaltowski (2011, p.61) expõe que o ambiente é mutável, sendo determinado de acordo com as particularidades de cada pessoa que ali se faz presente, as técnicas de educação implantadas, da assistência a sociedade, assim como da infraestrutura disponibilizada, além disto, a autora enfatiza a respeito da qualidade do espaço que comportam as atividades de pedagogia.

Em relação as escolas no Brasil, percebe-se o descaso quanto a sua estrutura, sendo em sua maioria escolas de baixíssima qualidade e de infraestruturas precárias, visto ainda hoje, uma grande quantidade de escolas estabelecidas de forma improvisada, seja em casas residenciais, galpões e prédios pré-fabricados o que acaba por lesar ao aluno em diversos pontos (RIBEIRO,2004. p.107). A falta de conhecimento, como também debates sobre o meio sociocultural e urbano da edificação, por parte de arquitetos e projetistas, acarretam consequências na elaboração de partidos arquitetônicos, vistos como mal elaborados por não se inter-relacionar com a realidade atual, reforçando a associação do meio educacional com o meio cultural, considerando circunstâncias sociais/históricas do sujeito/usuários (AZEVEDO, 2012). Sobre a edificação escolar, Castro (2012. p.11) salienta que, ao se projetar uma escola para um fim específico e previamente estudado, acaba

por representar todas as esperanças da constituição plena e disciplinadora dos jovens estudantes, assim como de um amanhã próspero para todo o país.

Analisando o constante progresso da concepção de uma edificação ao passar dos anos, ao qual possui como objetivo central adaptar-se as exigências do Homem, considera-se que na edificação educacional não deve ser diferente, sendo dever da arquitetura escolar prever a real necessidade dos alunos em relação ao espaço construído. Desta forma, buscando entender como o ambiente pode influenciar e colaborar para o desenvolvimento social, mental e educacional dos mesmos. Visto que, deve ser pensando de forma exclusiva ao indivíduo em questão, entendendo as particularidades da região que o mesmo será implantado, para quem e como será, de forma a ser considerado noções geográficas, culturais e até mesmo tecnológicas. Assim, procura-se incorporar tais características no conceito de Escola Parque, de forma a atender as reais necessidades do aluno, de forma a fomentar edificações humanizadas, substituído a mera noção de escola como objeto de abrigo para crianças e adultos.

2.1.1. Contextualização Histórica

Tendo em vista a importância do resgate histórico para compreender a situação atual das edificações escolares, o seguinte assunto visa apresentar um breve histórico da relação histórica entre a educação e a arquitetura.

Portanto, no contexto histórico-educacional, relacionado ao desenvolvimento da humanidade, a atividade de repassar conhecimento e atividades necessárias para sobrevivência sempre esteve intrínseco ao homem para sua sobrevivência, como forma de proporcionar a possibilidade do indivíduo um meio do mesmo se incluir na sociedade. Em diversas culturas ancestrais, a escola não era tida como um espaço físico e formal para o ensino e sim o local de inserção dos grupos que exerciam esta função (KOWALTOSKI. 2011. p.13).

Analisando os aspectos educacionais no Brasil, centralidade de estudo do trabalho em questão, o aparecimento de escolas normais, passam a acontecer na terceira década do século XIX. Sendo em 1835 em Niterói, em 1836 na Bahia, em 1845 no Ceará e, em 1846 em São Paulo. Antes disto, as escoladas eram todas improvisadas, com professores não especializados e muito mal pagos, não havendo uma proposta de melhoria tanto do espaço escolar quanto da formação e qualificação dos professores. (MARTINS, 2009). Segundo Kowaltowski (2011. p.14) constata-se que, o

contexto histórico tem como premissa, o ensino da Europa, e posteriormente da América do Norte, ao qual atualmente verifica-se uma forte influência da Ásia, mais especificamente do Japão e da Coreia. De acordo com Castro (2012, p.11), somente por volta do final do século XIX, foi que o país passou a desenvolver leis disciplinadoras para o setor de ensino público. Assim, com o surgimento das Escolas Normais, passou-se também a considerar o professor como pessoa responsável pela educação e fonte de conhecimentos para a população, passa a simbolizar o encarregado do progresso e desenvolvimento do país, tendo de procurar formação para cumprir tal papel (MARTINS, 2009)

Como compreendido por Carvalho (2008. p. 43), a crescente necessidade de construção de escolas, de baixo custo e rápida execução, estimulou a utilização de um projeto-tipo, sendo este com plantas já definidas só realizavam mudanças na fachada, sendo o arquiteto considerado autor do projeto, aquele realiza-se tal alteração. Ainda de acordo com o autor, relatava que as escolas eram regidas por normas de segregação sexual, fazendo com que refletisse na arquitetura, também, aspectos de higiene, mobília, iluminação e circulação já eram pensados, mesmo de forma frágil, nas edificações.

Durante o período de 1930, tendo Getúlio Vargas como presidente do Brasil, o País vivenciou uma grande mudança no pensamento no âmbito educacional, possuindo a educação pública como um dos fatores fundamentais para reformular a sociedade brasileira (BASTOS, 2009). Entre 1930 a 1964, se efetivaram diversas reformas na área, com tentativa de extinguir o analfabetismo e proporcionar o ensino básico a todas as crianças (BITTAR; BITTAR. 2012). Em 1932, alguns pensadores intelectuais da época, incluindo Anísio Teixeira, grande nome no que diz respeito a educação brasileira, lançaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, como forma de propiciar a todos a escola pública, laica e gratuita. (BASTOS, 2009). No que diz respeito as construções de edifícios escolares, Carvalho (2008. p.49) relata que houve uma indagação a respeito do que se vinham projetando até então, de forma a reunir diversa áreas como da construção, educação e da medicina, para criar algum critério norteadores do projeto escolar agregando espaços como salas, auditórios, sala de leitura, sala de jogos, canto e cinema, e também sala de reuniões, assim como a qualidade dos mesmos a respeito da ventilação, iluminação, cores entre outros aspectos arquitetônicos.

Desta forma, como representado pelos autores Brock e Schwartzman (2005), pode-se entender que a falta de organização no setor educacional brasileiro, assim como a falta de renda,

fazia com que houvesse pouco investimento tanto nacionalmente quanto regional. Visto que a taxa de alfabetização é uma ferramenta importante de avaliação da educação no Brasil assim como as condições sociais. De acordo com o Censo 2010, cerca de 91% do povo brasileiro com idade de dez, ou mais, anos de idade já são alfabetizado, porém, apesar de 9% parecer uma pequena parcela, corresponde a aproximadamente 18 milhões de pessoas não alfabetizado. (IBGE, 2010). Assim, apesar do Brasil ter se desenvolvido e procurado melhorias ao decorrer dos anos, ainda não se pode considerar a situação educacional como satisfatória, fator ao qual pode ser incentivado pela arquitetura unida a diversas áreas da educação.

2.1.2. Escola Parque

No que se refere a Escola Parque, a história e desenvolvimento deste conceito, tem como grandes nomes Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Carneiro Leão e Lourenço Filho, os quais ainda na década 1920, lutavam por uma reconstrução educacional no Brasil, acabando por tornar a criança como centro da educação e da atividade escolar. Tinham como concepção, integrar o indivíduo à sociedade, além de buscar uma generalização da escola, proporcionando acesso a todos (CASTRO, 2012. p.69). O Brasil vinha passando por um crítico momento, onde a qualidade dos edifícios era interferida pela necessidade de uma grande demanda, assim inspirado no sistema das escolas comunitárias norte-americanas, Anísio procurou implantar no Brasil, uma sistematização diferente, constituída por escolas-classe e escolas-parque (BASTOS, 2009). Assim como confirmado por Kowaltowski (2011. p.88), e descrevendo esta fase, como sendo, um tanto quanto conturbada, e definindo que os aspectos quantitativos passavam por cima dos qualitativos nas edificações que vinham sendo construídas na época. A respeito da definição sobre o termo têm-se a seguinte frase da autora:

A escola-parque tem os princípios da arquitetura moderna e o conceito da escola como ponto de convívio da comunidade. As propostas vislumbram a produção de uma arquitetura socialmente mais progressista, para maximizar os recursos disponíveis. Os terrenos devem ser mais bem aproveitados e, para baratear o atendimento às demandas sociais, devem ser aplicados os princípios da racionalização da construção. Os projetos devem ser pensados como unidade urbanas mais completas que oferecem moradias, equipamentos e serviços variados, alterando assim as relações entre os espaços públicos e privados. (KOWALTOWSKI, 2011. p.89)

A principal fonte da inspiração do educador, foi vista nos Estados Unidos, em Detroit, tratando do modelo Platoon tido por eles, onde o trabalho manual, graças ao processo de industrialização, já era estimado no processo de educação, tendo como proposta educacional unir o fazer, o pensar e o viver. Assim, Teixeira ao criar os dois modelos pensou na escola-classe, como espaço dedicado ao ensino propriamente dito, e as escolas parques, como espaço de ensino especial, e a união das mesas se enquadrariam ao modelo Platoon tão admirado (ABREU, 2007. p.32). Segundo Nascimento (2012), a separação das diferentes funções, deu base para duas edificações diferentes em sua estrutura, sendo que a escola-classe não oferecia auditórios ou quadras, elementos estes, pertencentes a escola parque. Já no que se refere a escola parque, nota-se que ofereciam grandes áreas abertas, com ambiente designados ao ensino e até mesmo a produção industrial. Sendo assim, de acordo com Abreu (2007, p.33), Anísio Teixeira requisitou diferentes tipologias de projetos de escola, de forma que estas, tinha a função de seguir os conceitos da escola integral, como visto a seguir:

Escola Tipo Mínimo (240 alunos): 2 salas de classes fundamentais e 1 sala de classe complementar, a serem implantadas em áreas de reduzida demanda por escolas. Escola Nuclear (1.000 alunos): 12 salas de classes fundamentais com biblioteca para os professores. Escolas – Parques ou Parques escolares: que atenderiam, cada um, ao conjunto de quatro escolas nucleares, complementando seu programa arquitetônico de com o modelo Platoon: direção geral; serviços médicos e fichamento para controle de educação física; auditórios e palco; ginásio esportivo; banheiros e vestiários; refeitórios e anexos (copa, cozinha, serviços); sala de música, jardim de infância; biblioteca; sala para clubes escolares; sala para projeção; terraço jardim; estádio para concentração e pista de corrida; campos para voleibol (14 pequenos campos); equipamentos completo para ginástica e playground (ABREU, 2007. p.33)

Para Teixeira, a escola tem função de ir além dos espaços educacionais, designando um conteúdo sociocultural para a mesma, servindo não só ao aluno em questão, mas também a todos os habitantes da cidade. Sendo composto, em seu programa de necessidade, por anfiteatros, biblioteca, refeitório, jardins e áreas livres, ginásio esportivo etc. Servindo de uma gentileza urbana e se articulando como convívio social. A construção destes pensamentos pode ser vista no Centro Educacional Carneiro Ribério (Figura 1) em Salvador, onde sua construção contou com Hélio Duarte e Diógenes Rebouças. (NASCIMENTO, 2012).

[illegible]

Através desta breve compreensão, obtêm-se uma noção geral a respeito do desenvolvimento da arquitetura escolar no Brasil, com isto nota-se a necessidade de inovação na área assim como a relevância da mesma. Apesar da abordagem conceitual não seguir a mesma direção, da escola parque tradicional, o assunto discorrido é de extrema importância para a delimitação do tema, e se apropriar de certos elementos encontrados como a integração da cidade com o espaço a ser construído e a utilização do mesmo voltado ao usuário, e até mesmo a ideia de parque ligada à escola. Sendo assim, o conceito será desenvolvido pensando em ambientes humanizados, além de fomentar espaços para uso público, como complexos esportivo e áreas culturais. Como dito pela arquiteta Lina Bo Bardi apud Bastos (2009), “Começamos pelas escolas, se alguma coisa deve ser feita para ‘reformular’ os homens, a primeira coisa é ‘formá-los’.

Neste espaço serão apresentados alguns conhecimentos individuais englobando arquitetura e os sentido e a psicologia ambiental, e consequentemente relacionando-as em busca da compreensão de como ocorre o desenvolvimento dos alunos. Assim serão retratados alguns conceitos arquitetônicos organicista, além de apresentar o grande mentor Frank Lloyd Wrigh o qual segundo Lamberts et al. (2004. p.53), procurava adaptar suas obras ao local de inserção, moldando-a

conforme a paisagem, de forma a respeitar as características do ambiente natural do lugar. Como também outros temas acerca da arquitetura humanística e conceitos do Team X. visto que, a arquitetura escolar possui papel essencial para assegurar um local propício para o desenvolvimento do ensino. O espaço é consequência das diversas particularidades dos indivíduos que o frequentam, da prática educacional aplicada, da comunidade e da infraestrutura que a envolve. A escola depende também dos ambientes que compreende as funções pedagógicas (KOWALTOWSKI, 2011. p.61).

2.2.1. Arquitetura orgânica e os sentimentos humano

Com o passar dos anos, e o constante progresso humano, a arquitetura passa a ser mais que apenas um meio funcional de cumprir necessidades humanas, acabando por ser elemento artístico que compõe e dá vida aos ambientes, propiciando diferentes sensações e sentimentos. Colin (2000, p.25), confirma tal afirmação ao escrever que o edifício precisa ser sentido, tocando na sensibilidade do observador através de sua composição formal, textural e diversos outros jogos de elementos projetuais, ao quais juntos tornam-se uma unidade.

Visto isto, observa-se que o espaço arquitetônico é capaz, assim como outros meios de comunicação estética, de conversar com o observador, podendo até mesmo propagar um grande leque de sensações emocionais. Um exemplo disto, pode ser presenciado através, da inquietude ante severas alterações estruturais, a certeza do amanhã, a aspiração de poder, as fantasias e fixações mais diversas. É o que compõe o conteúdo psicológico da arquitetura, visto que a psicologia é o estudo científico da mente assim como de comportamentos do homem seja em sua individualidade ou em grupo (COLIN, 2000. p.103). Desta forma, a relação entre o espaço construído e o desempenho comportamental humano é estudo na teoria da arquitetura assim como na psicologia ambiental (KOWALTOWSKI, 2011. p.40).

Tais características podem ser vistas e vivenciadas na arquitetura orgânica, a qual será utilizada no presente trabalho como suporte para a construção do conceito. No que lhe diz respeito, nota-se que possui como grande mentor o arquiteto Frank Lloyd Wright, o qual fez uso da palavra “orgânico” pela primeira vez aplicado à arquitetura em 1908, significando a presença de balanços de feitos de concreto referindo-se a um elemento natural, como Frampton (1997. p.227) descreve, algo semelhante a uma árvore.

A Respeito da Casa da Cascata (Figura 02), do arquiteto Frank Lloyd Wright, Frampton (1997. p.228-229) descreve, que está, projetava-se da paisagem natural, da rocha a qual a casa se fundamenta, poetizando sua plataforma em uma analogia a um voo desprendido, a qual passa a impressão de flutuar sobre a cachoeira que ali se encontrava. Continua, ainda, dizendo que esta integração entre a edificação e a paisagem é completa, pois o natural e material se entrelaçam. Com isto, demonstrando toda a sensibilidade presente na arquitetura orgânica.

Figura 2 - Casa da Cascata - Frank Lloyd Wright



Fonte: Archdaily, 2012. Autor: Igor Fracalossi

Verifica-se, por meio disto, que o orgânico não se refere somente a estética, segundo Choay (2000. p.240), através arquitetura organicista, o ser humano passa a assumir, mais uma vez, responsabilidade acerca de sua grandiosidade natural, assim como de seu espaço territorial, ao qual acaba por integrar-se ao meio ambiente.

Sendo assim, pode ser visto uma grande preocupação com escala humana, pensando na forma que o edifício se comunica com o homem, de maneira que este não interfira ou possa constranger o mesmo (ZEVÍ, 1996. p.125). Bem como relata Grau (S.A. p.194), ao dizer que, o meio orgânico, apoia-se na ideia que a moradia é um espaço aconchegante projetado para acolher seus habitantes. Sendo que este, possui como alicerce a predominância da linha curva sobre a reta e ângulos, a apropriação de materiais ligados ao entorno e a inserção da edificação no meio de forma a adaptar a obra perante a paisagem.

Ainda sobre a arquitetura orgânica, percebe-se que está nasce como oposição as linhas retas e geometricamente elaboradas, pelo arquiteto Le Corbusier, como explicado por Netto (2002. p.84) ao afirmar que o geométrico se impõe à vida, o artificial ao natural, o condicional a liberdade. Desta forma, em oposição à arquitetura funcional, o orgânico se interessa pelas reais exigências particulares da utilização do ambiente, ignorando tudo o que diz respeito a padronização, também busca a adequação da mobília, na arquitetura de interiores, do espaço em questão (GRAU, S.A. p.196).

2.2.2. Psicologia ambiental

Segundo Aurélio (2017), Psicologia pode ser definida como parte da filosofia que trata da alma e das suas manifestações, o estudo dos fenômenos psíquicos. De acordo com Colin (2000), ao buscar a etimologia da palavra, nota-se ser uma derivante do grego, *psique*, traduzida como alma, tendo em sua origem uma profunda ligação à filosofia. Sendo assim, ainda seguindo o pensamento de Colin (2000), é reconhecida como o estudo da alma, a qual busca a compreensão do funcionamento da mente humana. Assim, para que seja possível entender o desenvolvimento da mente dos estudantes em questão, é necessário esclarecer alguns elementos que compõe o caráter psicológico da personalidade (VIGOTSKII, 2001. 59).

Segundo Zevi (1996, p.192), o conteúdo social, o efeito psicológico e os valores formais concretizam-se todos no meio arquitetônico. Portanto, de acordo com Colin (2000. p.104-105), a junção entre arquitetura e psicologia é presenciada em dois aspectos diferentes. Sendo o primeiro, no modo como a psicologia é manuseada pelo arquiteto em questão, observando as necessidades intrínsecas dos indivíduos, e também, conforme a sensação que o espaço e as formas transpassam ao usuário. Posteriormente, tratando da constante evolução das teorias na área da psicologia, podendo dar fundamentação para o arquiteto sobre o assunto. Além disso, esse embasamento pode auxiliar no discurso do que motiva o arquiteto a tomar determinada solução projetual. Ainda de acordo com Colin (2000. p.105), a reflexologia e o behaviorismo são as teorias centradas no estudo da mente e do comportamento. Buscando fundamentação em experiências neurofisiológicas, o que dão maior consistências a fundamentações formuladas, do mesmo modo que a psicodinâmica das cores, possuem origem nessas abordagens.

Assim, no que diz respeito a psicologia ambiental, de acordo com Carley (2013), verifica-se ser uma derivante da psicologia que busca entender o ambiente em que o ser humano está inserido para compreender seu comportamento, ou seja, é o responsável por entender a influência do meio sobre a psique humana, sendo que, é a Psicologia ambiental responsável por estudar o comportamento humano e diferenciar características do meio biológico e o que é de aprendizagem experiencial, que deriva de diversos fatores como por exemplo a percepção humana, cognição e emoção e até mesmo o funcionamento mental. Desta forma, psicologia ambiental, pode ser entendida e conceituada na arquitetura, seguindo as diferentes sensações físicas e psíquicas oferecidas pelo conforto proporcionado pelo ambiente, tendo também uma contribuição referente a noções emocionais (BARROS et al, 2005).

De forma mais direta, psicologia ambiental, pode ser entendida como o estudo da relação do material com a psique, como por exemplo na arquitetura ao relacionar edificação com a construção mental do observador (CARLEY, 2013). No discurso de Barros et al (2005), foram caracterizados certos elementos arquitetônicos que compõe o ambiente e agregam ao conceito, como por exemplo a amplitude dos ambientes, os móveis utilizados, equipamentos em geral, divisões de espaços por meio visual e acústico, assim como o pé-direito da edificação, texturas e relações exterior/interior.

2.2.3. Sistema de Educação Brasileiro

A educação brasileira, é dividida em básica e superior, apesar de possuírem aspectos organizacionais diferentes, são classificados de acordo com sua modalidade pela legislação. Sendo um direito adquirido pela população, a educação básica é assegurada a todos e legitimada pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, entendendo assim, que a formação escolar é imprescindível para a composição de uma sociedade mais unida e colaborativa. Devendo ser fonte do desenvolvimento humano, com autonomia e integridade, reconhecendo as diversas particularidades e respeitando-as (BRASIL, 2013). De forma sucinta, a educação básica possui como objetivo, o desenvolvimento dos alunos de forma a oferecer-lhes caminhos para crescer e evoluir. É fornecida tanto para o ensino regular e nas categorias educacionais de jovens e adultos (BRASIL, 2002).

Pode-se entender a pedagogia como ciência encarregada pela orientação de crianças durante o processo escolar, sendo de extrema importância para o desenvolvimento dos mesmos. Assim, de

acordo com Ribeiro (2004, p.105) o espaço deve constitui uma totalidade lógica, de forma que a partir dele, é que se pode desenvolver as técnicas pedagógicas, com isto, podendo criar um leque de cenários, estipulando possibilidades, ou limites, visto que tanto o lecionar, por parte do professor e o estudar e desenvolver, por parte do aluno, necessitam de condicionantes favoráveis ao seu conforto

Desta forma, percebe-se que é no ambiente escolar que passamos grande parte de nossas vidas, desde os poucos meses em creches até o início da juventude, no ensino médio, cerca de 17 anos para uma formação básica de ensino, vivenciando diferentes etapas e descobertas ao decorrer disto. Com isto, verifica-se que a ambiente escolar é de extrema importância, pois é nele que serão desenvolvidas atividades, aulas, oficinas que iram estimular o desenvolvimento pelo conhecimento. Assim com os estudos realizados ao decorrer do trabalho no que se trata a educação no Brasil, o conceito a ser apresentado possui como foco, integrar a sociedade de diferentes classes econômicas, notando-se assim ser de extrema importância esta integração para o desenvolvimento dos alunos como futuros homens e mulheres com um olhar mais amplo e consequentemente como melhores cidadãos.

3. METODOLOGIA

Este trabalho tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica e a análise de dados, que segundo o dicionário Aurélio, classifica metodologia como a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade, aplicação do método no ensino (FERREIRA, 1999). Já de acordo com Cervo e Bervian (2002. p.65), pode ser entendida como base do estudo das colaborações, dos aspectos culturais e científicos, existente a respeito de determinado assunto, tema ou problema Segundo Marconi e Lakatos (2013, p. 57), esta pode ser encontrada em diversas fontes públicas, como exemplo em livros, jornais, pesquisas, monografias e demais publicações sejam elas avulsas ou dotadas de referências. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo situar o pesquisador em uma comunicação direta, com totalidade a tudo que já foi escrito, dito ou filmado no que diz respeito a determinado assunto, incluído até mesmo debates e entrevistas sejam elas publicadas ou apenas filmadas.

De acordo com Ruiz (2002), as produções humanas estão guardadas em livros, artigos e documentos, sendo bibliografia o conjunto dos livros escritos sobre determinado assunto, por

autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamentos diversos entre si, ao longo da evolução da Humanidade. E a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica (RUIZ, 2002).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O presente capítulo destina-se a análise da aplicação do recorrido ao longo da fundamentação teórica, apresentando a respeito do ambiente escolar, da elaboração de espaços de convivência e da proposta de parque propriamente dito.

O ambiente escolar, não deve ser estudado apenas como mais um ramo de análise dentro da arquitetura, mas sim é atividade que deve ser constante e necessária para sua evolução da mesma, visto sua importância na formação da sociedade. De acordo com Ribeiro (2004. p.108), a negligência desta modalidade, assim como na relação entre comportamento e ambiente acaba por lesar os alunos em diversos aspectos, já que, de acordo com o autor, é fato que a edificação tem relação direta com as experiências adquiridas por eles, podendo aprimorar seu desenvolvimento e aprendizagem.

Em relação às dinâmicas que envolvem as crianças, a diversão e as brincadeiras são essenciais para a formação humana, sendo elas, as responsáveis pelo desenvolvimento de atividades motoras e cognitivas, é de responsabilidade do arquiteto, desenvolver locais, dentro da escola, que possibilitem a relação interpessoal entre os alunos. Mesmo que, muitas vezes, não se trate “o brincar” com a real seriedade que deveria, possui uma grande importância na vida e como elemento cultural, assim como na expressão livre e espontânea do indivíduo. (MIRANDA, 1999. p.129). Outro aspecto que vale ressaltar é quanto à utilização do mobiliário, ao qual compõe o ambiente escolar, este segundo Bergmiller (1999), é elemento essencial pois pode influenciar o processo de aprendizagem do aluno, sendo classificados de acordo com quem o utilizará, no caso da escola a idade, por questões ergométricas, como também, o uso que terá esse mobiliário, ou seja sua real função, sendo adaptável para montagem de grupos e inter-relações dos alunos.

Movidos por um mundo tecnológico, onde a rapidez da comunicação virtual acaba por confrontar o convívio físico entre as pessoas, verifica-se a importância de resgatar fatores relacionados à interação humana, fator este que pode ser estimulado pelo arquiteto na criação de

espaços convidativos e que interajam, neste caso, com o aluno. A convivência e as relações sociais é o que nos distinguem como seres humanos, fato que fomentou nosso desenvolvimento e sobrevivência ao decorrer dos anos, sendo cada vez mais necessário resgatar estes conceitos de civilidade para desenvolvimento do respeito e da espírito cooperativo (ANHANGUERA, S.A.)

O saber, o conhecer e o desenvolver estão associados diretamente as relações entre os alunos, essa comunicação é fundamental para formação dos estudantes, visto na troca de experiências entre colegas do mesmo ano, assim como de idades diferentes. Fator este que possui como objetivo, estimular a elaboração da identidade e coletiva de cada qual, de forma a incitar a curiosidade, a reflexão e a criatividade, a cooperação, o respeito, a solidariedade, buscando uma homogeneização de aspectos das diversidades socioculturais (SÃO PAULO, 2004).

Já no que diz respeito à arquitetura da paisagem, como estabelecida por Abbud (p.19. 2006) é responsável por moldar os espaços determinado seus limites, sendo que, para que isso seja possível, é necessária uma área pronta a sofrer alterações, podendo ser local e prolongar à paisagem do entorno. Lira Filho (p.15. 2001), busca na etimologia da palavra uma explicação, entendendo ser proveniente da palavra Paisagem, o paisagismo é o constante aperfeiçoamento de técnicas, de maneira que permitem a transformação desta paisagem seguindo anseios e vontades do ser humano.

Através de um olhar mais artístico, percebe-se que o paisagismo é única arte capaz de envolver os cinco sentidos humano, sendo que a intensidade que o jardim, estimula o olfato, a audição, visão, paladar e o tato, relata como o mesmo está cumprindo sua função (ABBUD. p.15. 2006). Lira Filho (p.9 e 18. 2001) complementa ao descrever que a matéria para a composição artística paisagística provém dos sentimentos humanos, trabalhando com diferentes elementos para compor o espaço, a flora, a fauna, a arquitetura, os monumentos, como visto, trabalhando com seres vivo e objetos inerte

Cor, forma, aroma, sons, textura, sabor: uma paisagem construída com plantas e árvores proporciona impressões as mais diversas a seus frequentadores. Além disso, jamais permanece a mesma, mas se altera segundo as estações do ano, revelando ao longo do tempo aspectos que seu observador não pode aprender de uma única vez (ABBUD. p.7. 2006)

Atualmente, habitamos em uma sociedade cada vez mais isoladas, devido ao progresso tecnológico, a rotina movimentada, assim como a busca por segurança, fazendo com que vivamos

em um verdadeiro confinamento doméstico. Assim, os parques urbanos, são os responsáveis por trazer a natureza para perto das pessoas, com áreas destinadas desde crianças à idosos, o que proporcionam espaços para brincar, explorar, conviver e relaxar, enfim recuperar as energias para enfrentar o caos do dia a dia (ABBUD. p.33. 2006). Visto que, segundo Macedo (p.7. 2003), o Parque Urbano é fruto da sociedade industrial, a qual buscava dar suporte a uma nova necessidade do ser humano, ainda hoje presenciamos um grande aumento na busca por espaços como estes, uma vez que as cidades hoje estão se envolvendo e criando ações e projetos que buscam atender esta demanda. De acordo com Lira Filho (p.134. 2001), as áreas verde e espaços livres tem papel fundamental na preparação do homem, porém com o constante crescimento urbano, cria-se um contraponto a demanda por estas localidades, pela diminuição de locais físicos adequados a receberem estas instalações. Como solução, o autor rebate considerando ser de necessidade social, a disponibilização de conjuntos de espaços livres, públicos ou privados, como alternativa à essa carência social.

Um ponto importante a ser estudado, diz respeito ao convívio social no espaço público, percebe-se que este está diretamente interligado a como o desenho paisagístico se articula com o urbanístico, incluído como exemplos, ruas, praças e parques, trazendo possibilidade de acesso livres, sem distinção, ou seja, disponível a todos, (ALEX. p. 19 e 126. 2008). A paisagem engloba o convívio humano, e tem responsabilidade direta nos mais distintos fatores, sejam eles econômicos, sociais entre outros, sendo assim, o paisagismo contemporâneo se inspira na convivência das pessoas para criação de espaço (LIRA FILHO, p. 128. 2001)

Por trás dessa visão estereotipada, característica de muitos parques pelo mundo afora e tantos outros pelo Brasil, está o papel real do parque como um espaço livre público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer da massa urbana. O parque público, como o conhecemos hoje, é um elemento típico da grande cidade moderna, estando em constante processo de recodificação. Consideramos como parque todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente (MACEDO. p.13 - 14 2003)

A autora Kowaltowski (2011. p.44), apresenta em seu livro sobre a arquitetura escolar alguns estudos que comprovam que espaços dotados de princípios humanísticos (percebidos pela preocupação com a escala, pelo paisagismo, pela utilização de ornamentos e até mesmo no aproveitamento de características da estrutura arquitetônica residencial), possuem uma maior aceitação e entusiasmo do observador, possibilitando um ambiente psicológico proveitoso para o

desenvolvimento social apropriado. Sendo assim, acredita-se ser plausível a afirmação que o desempenho dos alunos pode ser influenciado de acordo com o local que os mesmos estejam inseridos, sendo favorecido ou não de acordo com o projeto arquitetônico. Assim como, os conceitos de arquitetura orgânica, que pensa o indivíduo como parte integrante das soluções e que possui como caráter principal a forte presença da natureza. Desta forma, pensando individualmente cada projeto, unindo à arquitetura orgânica é possível alcançar uma série de espaços e ambientações que podem envolver os sentimentos e sensações humanas.

Percebe-se assim que, a conceituação de Escola Parque, pode ser entendida como como espaço educacional que foge do presenciado até então, buscando através da arquitetura orgânica, tornar ambiente rico em de elementos humanísticos, de forma a acolher e proporcionar um ambiente que instigue à busca pelo saber, este por sua vez conectado a natureza, sempre pensando em como o observador vai se relacionar com ao edificação, no caso os alunos e professores, na criação de espaços de convivência para a troca de experiência entre os alunos, envolto pela natureza, além da integração com a sociedade em geral, que só tem a enfatizar e estimular o relacionamento social dos alunos, melhorando assim seu desenvolvimento. Ou seja, é a conexão entre a arquitetura, a natureza e os métodos educacionais de forma a se relacionar com as necessidades locais de terminada região observando os materiais presentes nela, a cultura e até mesmo os aspectos climático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos obtidos ao decorrer desta pesquisa, pode-se constatar que, ainda hoje, o Brasil sofre com as consequências ao se tratar do descaso vivenciado na educação, o que se aplica também à arquitetura escolar. Como visto, grande parte das escolas são propostas em locais inadequados, como barracões e casas improvisadas, deixando de lado características básicas como conforto térmico e acústico, além de não haver uma preocupação direta com o estudante que fará uso dos espaços. Também se observa que grande parte destas escolas, possuem ambiente simples e ultrapassado, como por exemplo, as salas de aula com cadeiras enfileiradas direcionadas a um quadro principal, pregando um autoritarismo do conhecimento.

Em contrapartida, o mundo mudou, tudo a nossa volta evoluiu, fazendo com que, mais do que necessário, o debate a respeito do assunto, se faz indispensável para que se possa pensar o espaço voltado para o aluno de hoje, para a criança ou adolescente, que precisa ser visto e

entendido. Diferente de antigamente, hoje, já se nasce cercado de tecnologia e informação obtidas através da internet e da televisão, assim, essa adequação aos dias atuais deixa de ser um extra, tornando-se uma exigência da sociedade contemporânea para às escolas.

Desta forma, a proposta do conceito Escola Parque, surge como forma de oposição a escola comum, procurando estimular a convivência e a troca de experiência entre os alunos. Trazendo através de aspectos da arquitetura orgânica, como a fluidez dos espaços, da linha curva e solta, a utilização de materiais e cores que remetam as sensações que pretendesse utilizar, os sentidos obtidos através da natureza, a humanização dos ambientes, as surpresas e a inserção no contexto. Uma arquitetura livre do padrão visto até então, na busca da integração da cultura à sociedade, através de sua estrutura, sendo pensada e adequada as diferentes localidades, regiões e populações, uma arquitetura educacional humanizada e voltada à comunidade.

Com isto, confirma-se que o ambiente escolar deve ser dotado de elementos que incentive as ações e comportamentos, sendo utilizado no conceito em questão, podendo ser formada desde o berçário até o ensino médio, analisando as diferentes etapas da vida e adequando o ambiente de forma que os estimulem a um crescimento e desenvolvimento saudável e produtivo dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens**: Guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

ABREU, Ivanir Reis Neves. **Convênio Escolar**: Utopia Construída. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-13052010-152451/pt-br.php>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

_ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map of Paraná state**. 2006. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_MesoMicroMunicip.svg>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

ALEX, Sun. **Projeto de Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo, 2008.

ANHANGUERA, Centro Universitário. **Material das aulas de Psicologia**. S. A. Disponível em: <<http://files.meucaderno-psicologia.webnode.com.br/200000034-25b0e26a57/AULA%20TEMA%206%20Conv%C3%ADvio%20Social.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

AURÉLIO, Dicionário do. **Dicionário de português**. 2017. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

AZEVEDO, G. A. N.; BASTOS, L. E. G; RHEINGANTZ, P. A.; VASCONCELLOS, V. M. R.; AQUINO, L. M. L. **Padrões de infra-estrutura para as instituições de Educação Infantil e Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil**. Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/infra.pdf> > Acesso em: 16 de maio de 2017.

_AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Sobre o papel da arquitetura escolar no cotidiano da educação**: análise das interações pessoa-ambiente para a transformação qualitativa do lugar pedagógico. XIV ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - 29 a 31 Outubro 2012 - Juiz de Fora. Disponível em <<http://www.gae.fau.ufrj.br/assets/sobre-o-papel-da-arquitetura-escolar-no-cotidiano-2012.pdf>> Acesso em: 09 de maio de 2017

BARROS, Raquel R. M. Paula; PINA, Silvia Mikami; KOWALTOWSKI, Doris, C.C.K.; FUNARI, Teresa B.; ALVES, Silvana; TEIXEIRA, Carla; COSTA, Angelina. **Conforto e Psicologia ambiental**: A Questão Do Espaço Pessoal No Projeto Arquitetônico. FEC- UNICAMP, CP 6021, Campinas/SP, 019 3788 2306. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/conforto_e_psicologia_ambiental_a_questo_do_espao.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2017.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **A escola-parque**: ou o sonho de uma educação completa (em edifícios modernos) Edição 178º Janeiro/2009. Disponível em:

<<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/178/artigo122877-1.aspx>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

BERGMILLER, Karl Heinz. **Ensino fundamental: mobiliário escolar** / Karl Heinz Bergmiller, Pedro Luiz Pereira de Souza, Maria Beatriz Afflalo Brandão Brasília: FUNDESCOLA - MEC, 1999 70 p. (Série Cadernos Técnicos I no 3). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000574.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2017.

BITTAR Marisa; BITTAR Mariluce. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade.** Revista Acta Scientiarum. Education v. 34, n. 2 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17497>>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

BRASIL, Ministério da Educação de (MEC/INEP). **Sistema educativo** Nacional de Brasil: 2002 Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/quipu/brasil/>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

_BRASIL, Ministério da Educação. **Educação brasileira: indicadores e desafios: documentos de consulta.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Executiva, Secretaria Executiva Adjunta, 2013. Disponível em <<http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/educacaobrasileiraindicadoresedesafios.pdf>> Acesso em: 14 de maio de 2017

_BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2014-pdf/15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf/file>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

BROCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon. **Os desafios da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/1desafios.pdf>> Acesso em: 15 de maio de 2017.

CARLEY, Steven G. **Psicologia Ambiental.** Norma Edição. SGC Publishing. Boston, Massachusetts. 2013

CARVALHO, Telma Cristina Pichioli. **Arquitetura escolar inclusiva: construindo espaços para educação infantil.** Orientador Admir Basso. São Carlos. 2008

CASTRO, Elizabeth Amorim. **Ginásios, escolas normais e profissionais: A arquitetura escolar do Paraná na primeira metade do século XX.** Curitiba: Edição do autor ,2012.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 5ª. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

COLIN, Silvio. **Uma Introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **História da Arquitetura Volume I**. Cascavel: Faculdade Assis Gurgacz, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem como o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1997.

GRAU, Arnaldo Puig. **Síntese dos Estilos Arquitetônicos**. Tradução de Antônio Gonçalves. 2. Ed. Lisboa: Plátano editora, S.A.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: guia da arquitetura de interiores para áreas comerciais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vamos conhecer o Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

MACEDO, Silvio Soares; **Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks**. 2º Ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisas: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MARTINS, Angela Maria Souza. **Breves reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO NEB/NEPHEB. 2009 Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/tsc_angela.pdf> Acesso em 24 de mar. 2017.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infra-estrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.

MASCARÓ, Lúcia; MASCARÓ, Juan. **Vegetação Urbana**. 2. Ed. Porto Alegre: FINEP UFRGS, 2005.

MIRANDA, Danilo Santos de. **O parque e a arquitetura: uma proposta lúdica**. 2. Ed. São Paulo: Papirus, 1996.

NETTO, J. Teixeira Coelho, **A Construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2002

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto alegre: Bookman, 2011.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço Escolar: um elemento (in)visível no currículo**. Sitientibus, Feira de Santana, n.31. 2004. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf> Acesso em 13 de maio de 2017.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Uma experiência de educação primária integral no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.38, n.87, jul./set. 1962. p.21-33.

UNDERWOOD, David Kendrick. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VARELA, Marcio. **Apostila de materiais de construção curso técnico em edificações**. Instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte: Curso edificações. S.A. Disponível em <<https://docente.ifrn.edu.br/marciovarela/disciplinas/materiais-de-construcao/apostila-de-materiais-de-construcao-curso-tecnico>> Acesso em 25 de mar. 2017.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria de Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução de Maria Isabel Gaspar/Gaëtan Martins de Oliveira. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.